



23 a 25 de Setembro de 2025
Catalão - GO



A Pedagogia histórico-crítica e suas contribuições: na era da inteligência artificial, o que fazer com o conhecimento humano científico?

INFÂNCIA E GÊNERO NA IMPRENSA INFANTIL: UM ESTUDO (AUTO)BIOGRÁFICO SOBRE LA SEMAINE DE SUZETTE E O TICO-TICO (1905-1930).

Giovanna Carvalho Arantes

UFU – Mestranda em Educação

giovanna.arantes1@gmail.com

Bolsista CAPES

GT 2: História da Educação e Pesquisa (Auto) Biográfica.

INTRODUÇÃO

Este estudo constitui um recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento, desenvolvida na linha de História e Historiografia da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU). Vinculado à abordagem da pesquisa (auto)biográfica, o trabalho é atravessado por minha trajetória como educadora e pesquisadora, construída no diálogo entre memória e investigação. A escolha do objeto não se restringe a um interesse acadêmico, mas resulta de inquietações formativas que me aproximam das representações de infância e gênero veiculadas pela cultura impressa.

O corpus de análise é composto pelos periódicos infantis *La Semaine de Suzette* (França) e *O Tico-Tico* (Brasil), ambos lançados em 1905 e publicados semanalmente na primeira metade do século XX. As duas revistas combinavam elementos pedagógicos, morais e lúdicos, atuando como instrumentos de educação informal e de socialização cultural. Em diálogo com a História Cultural (Chartier, 1990; Pesavento, 2004) e os estudos de gênero (Scott, 1995; Perrot, 2007), examinam-se as práticas discursivas que normatizavam comportamentos femininos, alinhando-os aos ideais burgueses e católicos de seu tempo.

A Pedagogia histórico-crítica
e suas contribuições:
na era da inteligência
artificial, o que fazer com o
conhecimento humano
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025
Catalão - GO



DESENVOLVIMENTO

As revistas infantis, enquanto artefatos culturais, seguem operando na intersecção entre o espaço público e o privado, investindo sobre a vida cotidiana e as relações familiares (Campos; Guiller, 2024). Em *La Semaine de Suzette*, voltada explicitamente às meninas, a “leitora ideal” aparece como dócil, piedosa e habilidosa nos trabalhos domésticos (Guiller, 2021), tendo o lar como horizonte de realização social. Já *O Tico-Tico*, destinado a um público misto, também difundia valores de civilidade, respeito à autoridade e patriotismo, reiterando modelos tradicionais de gênero e disciplina social.

As narrativas e imagens veiculadas funcionavam como mediadoras de um processo de aprendizagem que ultrapassava o espaço escolar, operando no plano da sensibilidade e do cotidiano. Histórias seriadas, ilustrações meticulosamente compostas e conselhos práticos às crianças articulavam-se para oferecer modelos de conduta e contra-modelos a serem evitados. Nesse sentido, esse aprendizado simbólico era reforçado pela repetição de representações ideais de comportamento feminino e masculino (Campos; Guiller, 2024).

Ao mesmo tempo, esse projeto civilizador mobilizava estratégias pedagógicas próximas ao método intuitivo, no qual o conhecimento se constrói pela observação de imagens, pelo contato com objetos e pela experiência sensível, de modo a garantir que as normas de conduta fossem não apenas ensinadas, mas vividas e incorporadas no dia a dia. Assim, as revistas assumiam papel ativo na conformação de subjetividades, atuando como instrumentos sutis de vigilância e disciplinamento social, capazes de moldar mentalidades desde a infância e de reforçar, de forma lúdica, os ideais republicanos e burgueses de ordem, progresso e moralidade.

Comparar *La Semaine de Suzette* e *O Tico-Tico* permite compreender como, em contextos nacionais distintos, ambos os periódicos projetavam funções semelhantes: formar, por meio da articulação entre texto e imagem, um leitor-modelo capaz de internalizar normas, cultivar o gosto pela leitura e incorporar valores morais e sociais. Essa convergência não era fortuita, mas expressão de um padrão educacional hegemônico em circulação transnacional,

A Pedagogia histórico-crítica e suas contribuições: na era da inteligência artificial, o que fazer com o conhecimento humano científico?



23 a 25 de Setembro de 2025
Catalão - GO



no qual a ordem, a disciplina e a civilidade se impunham como valores universais a serem assimilados desde a infância. Embora a revista francesa estivesse profundamente enraizada no catolicismo e nos costumes burgueses, e a publicação brasileira dialogasse com o ideário republicano e a construção de uma identidade nacional, ambas mobilizavam estratégias pedagógicas (como o uso moralizante das imagens e a apresentação de modelos e contramodelos de conduta) para reforçar a distinção entre comportamentos desejáveis e indesejáveis, vinculando-os a atributos como asseio, organização e autocontrole (Campos, 2025). Nesse sentido, participavam de um mesmo movimento pedagógico que, como observa Hansen (2019), buscava inculcar novos hábitos, atitudes e virtudes afinados com o ideal de uma nação moderna e civilizada, transformando a criança em objeto e sujeito de projetos de formação moral e cívica.

A diferenciação de conteúdos e papéis para meninas e meninos reforça o que Scott (1995) define como “a construção social do gênero por meio de símbolos, normas e instituições”, evidenciando como o discurso impresso se configurava como um agente de socialização desde a infância. Não se tratava apenas de fornecer entretenimento ilustrado, mas de consolidar um projeto pedagógico silencioso, no qual a leitura, a ilustração e a repetição de modelos se combinavam para orientar condutas e moldar identidades (Campos; Guillier, 2024).

CONCLUSÃO

Ao analisar comparativamente *La Semaine de Suzette* e *O Tico-Tico*, não apenas se evidenciam os paralelos editoriais e pedagógicos entre França e Brasil, mas também se revela como a circulação de modelos educativos e representações de gênero transcendeu fronteiras nacionais, adaptando-se a contextos locais sem perder sua função central: formar, controlar e orientar a infância segundo valores e expectativas socialmente legitimados. Essa convergência editorial e pedagógica indica a existência de um repertório transnacional de práticas discursivas que, como observa Hansen (2005), estruturava, por meio da cultura impressa, uma

A Pedagogia histórico-crítica
e suas contribuições:
na era da inteligência
artificial, o que fazer com o
conhecimento humano
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025
Catalão - GO



proposta de formação moral e civil que, ao mesmo tempo em que divertia, transmitia e reforçava práticas e comportamentos considerados adequados à preservação da ordem social.

Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada na análise documental de exemplares das revistas. Busca-se compreender como o projeto editorial, as narrativas e as imagens se entrelaçavam para veicular valores e comportamentos, evidenciando o papel da imprensa infantil como mediadora cultural e agente de socialização. A análise combina aportes da História Cultural (Chartier, 1990; Pesavento, 2004), dos estudos de gênero (Scott, 1995; Perrot, 2007) e da pesquisa (auto)biográfica (Nóvoa, 1992), reconhecendo que a interpretação das fontes é uma construção situada, influenciada por minhas experiências, valores e leituras. A perspectiva (auto)biográfica explicita essa dimensão subjetiva e a valoriza como parte constitutiva do processo científico.

Dessa forma, este trabalho busca contribuir para a compreensão da imprensa infantil como ferramenta de educação não formal, como espaço de produção e circulação de representações e como mediadora cultural entre o mundo adulto e a infância. Ao colocar em diálogo dois contextos nacionais distintos, mas conectados por práticas editoriais e projetos pedagógicos convergentes, a pesquisa amplia as possibilidades de leitura da história da infância e da educação, evidenciando o poder formador e normatizador da cultura impressa na conformação de subjetividades de gênero.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Raquel ; GUILLIER, Béatrice. **Subversão e reiteração na representação do mundo na imprensa infantil franco-brasileira: considerações sobre La Semaine de Suzette e O Tico-tico em 1905.** Revista História da Educação – RHE, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/heduc/a/qcM8d5RdcCN9xbw6f9G9tSK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 ago. 2025.

CAMPOS, Raquel Discini. **O humor de J. Carlos e a infância insubmissa: um olhar para as capas d'O Tico-Tico nos seus primórdios (1906-1907).** [S.l.: s.n.], [2025].

A Pedagogia histórico-crítica
e suas contribuições:
na era da inteligência
artificial, o que fazer com o
conhecimento humano
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025
Catalão - GO



CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

GUILLER, Béatrice. Les illustrés pour petites filles du XXe siècle à la Bibliothèque nationale de France. Strenæ. **Recherches sur les livres et objets culturels de l'enfance**, [S. l.], n. 19, 2021.

HANSEN, Patrícia Santos. **Brasil, um país novo: literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República**. 2007. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 71–99, 1991.

Realização:



Apoio:

